



Das coisas que congelamos

Of the things we freeze

Leonardo Birche de Carvalho¹

1. Ator, diretor e produtor cultural. Mestrando em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Pós-graduado em Direção Teatral e em Interpretação pela Escola Superior de Artes Célia Helena. Bacharel em Comunicação Social pela ESPM-SP. Ator formado pelo Teatro-escola Célia Helena. ORCID:[0000-0001-5158-4171](https://orcid.org/0000-0001-5158-4171)

Resumo |

Micronarrativa pensamento-fagulha, enquanto vejo da minha janela o laranja do pôr do sol em um dia de isolamento. Texto para colocar no papel as angústias, descobertas, dúvidas sem respostas e planejamentos impossíveis que pairam e me povoam no momento que vivemos. Tentativa de criar algo que possa remeter para além das notícias, dos boletins diários sobre a situação da pandemia, das questões políticas. Mergulho para tirar os pés do chão por um segundo e atingir o suspenso e as memórias do tempo em que podíamos estar próximos uns aos outros. Latência e ensaio para o que virá em algum futuro.

Palavras-chave: Micro-narrativa. Criação literária. Artes cênicas. Pandemia.

Abstract |

Micro-narrative spark-thought, as I see the orange of the sunset from my window on a day of isolation. Text to put on paper the anxieties, discoveries, doubts without answers and impossible plans that hover and populate me in the moment we live. Attempt to create something that can send you beyond the news, daily newsletters on the pandemic situation, political issues. I dive to take my feet off the ground for a second and reach the suspended and the memories of the time when we could be close to each other. Latency and rehearsal for what will come in the future.

Keywords: Micro-narrative. Literary creation. Performing arts. Pandemic

Minha família congela coisas. A história que se conta é que minha mãe começou a sentir as contrações do parto quando estava no mercado. Sabia que eu estava para nascer e queria deixar algumas coisas em casa para os primeiros dias pós-parto. Mas não sabia que teria contrações do parto enquanto fazia as compras. Saiu do mercado (depois de terminar as compras) e foi ao médico que acompanhou sua gestação. O médico avisou “está nascendo!”. Minha mãe foi para casa, congelou a carne que havia comprado (provavelmente em pacotinhos contendo três filés cada), pegou a mala da maternidade e foi para o hospital. E nasci.

Na verdade, eu não sei se minha família já congelava coisas, ou se eu que trouxe o hábito. Enquanto eu ainda era uma soma de células na barriga da minha mãe, que era bancária, trabalhava no caixa de uma agência bancária, o Collor congelou todas as cadernetas de poupança e aplicações do país. Eu nasci com minha mãe congelando carnes e lidando com o congelamento da poupança. Lembro dela falando do desespero de não saber se teria problemas para pagar algumas coisas da maternidade por tudo estar congelado.

Eu lembro que, quando eu nasci, tinha um freezer em casa. Um freezer mesmo. Tínhamos uma geladeira e do lado tinha um freezer. Uma prateleira e quatro ou cinco gavetas só para deixar coisas congeladas. Nesse freezer tinha de tudo: as primeiras pizzas congeladas comercializadas no país, carne, frango, peixe, sopas e um líquido grosso e muito doce usado para preparar sucos de tangerina. Na verdade, eu acho que tinha tudo que poderia sair do freezer e ir direto para o micro-ondas. Nós íamos com frequência a uma loja que só vendia coisas congeladas. Tinha até feijoada congelada. Eu não como feijoada, mas eu achava que devia ser o congelado mais caro da loja, porque vinha em uma cubu- ca de louça marrom, enquanto todas as outras coisas vinham em isopor ou bandejas de alumínio. O que mais lembro era que comprávamos co- xinhas, que não eram muito boas, mas que eu queria que comprassem

para ter essa iguaria a qualquer momento que desse vontade, e um bolo mousse de chocolate que tinha granulados ou pequenas raspas de chocolate branco e ao leite na cobertura.

Alguns anos depois, o freezer foi desligado por causa de um racionamento de energia que estava vigente. O freezer, sozinho, era um dos equipamentos que mais consumia energia elétrica. O chuveiro tinha um aquecedor central elétrico que também consumia muita energia, então minha mãe, depois de fazer alguns cálculos, resolveu desligar o aquecedor central e passamos a tomar banho no banheiro dos fundos, que tinha um chuveiro elétrico muito simples e que consumia menos energia. Mas o impacto que mais sentimos foi o do freezer. Aquelas quatro ou cinco gavetas e uma prateleira foram substituídas pelo pequeno congelador de uma geladeira. Isso não foi um problema para a minha mãe, que começou a desenvolver técnicas para congelar as coisas de uma forma que não ocupassem muito espaço. Não era apenas uma questão de como organizar, como um jogo de Tetris, o congelador, mas também de ter recipientes de tamanhos padronizados para facilitar na meticulosa organização, que era arrematada com uma fita crepe ou etiqueta em que ela escrevia o conteúdo do recipiente e colava na lateral, para que fosse facilmente identificado.

Mas o congelador tinha um ponto negativo: ele formava muito gelo, em uma época em que ainda nem falávamos de congelador frost free. E isso causava uma atividade que minha mãe amava: descongelar a geladeira. Com uma faca e um martelinho de carne, ela passava pelo menos uma hora estilhaçando a grossa camada de gelo que tinha se formado.

As técnicas de congelamento seguiram se aprimorando. Anos depois, mudamos para outro apartamento. Com ele, veio uma nova geladeira, dessa vez com congelador um pouco maior e que não formava gelo. E nesse congelador ela congelou sopas para o meu pai, que chegava muito tarde das aulas que dava, filés de frango para os momentos em que eu es-

tava fazendo acompanhamento com nutricionista, bacalhau para preparar na páscoa e bolos para levar para a minha avó que morava no interior.

Minha avó adorava um bolo que havia provado na festa de uma vizinha, no final da década de 1970. Um pouco depois que eu nasci, minha avó voltou a morar no interior, a quase 500 km de distância de São Paulo. Mas ela amava aquele bolo. E todos nós amamos até hoje esse bolo. Quando minha avó não conseguia mais vir para São Paulo para os nossos aniversários, minha mãe congelava um grande pedaço do bolo para levar na viagem de carro até o interior. Ouso dizer que tenho a impressão de que em determinado momento a minha mãe arrumou um grande tapauér e deu para a senhora que fazia o bolo, para que ela fizesse o bolo do tamanho exato do tapauér, que seria o recipiente ideal para colocar em um isopor para levar para o interior na viagem de carro. O isopor sempre nos acompanhou nas viagens. Poderia ser levando o bolo, levando alguma carne especial para o Natal, algum doce que minha avó e meu avô gostavam. Ele era integrante cativo da viagem.

Esses dias, antes de saber que entraríamos em quarentena, eu decidi que iria fazer alguma comida para congelar na minha casa. Agora tenho meu próprio congelador e meu desafio de mantê-lo abastecido com a variedade de coisas congeladas que minha mãe me ensinou. Eu fiz escondidinho de mandioquinha e congelei em vinte forminhas de alumínio de 220 ml. Primeiro espalhei todas as forminhas sobre a pia, depois coloquei a carne moída em cada uma delas, seguida pelo purê de mandioquinha e arrematado por um pouco de queijo parmesão fresco. Na sequência, tampei cada uma das forminhas, empilhei e coloquei no congelador, em um ritual que deixaria minha mãe saltitando de felicidade.

Hoje é aniversário dela. Deve fazer quatro semanas que não a vejo. Eu telefonei para ela. Ela falou da saudade que estava de ir ao shopping comigo para esperar o tempo passar antes de eu ir para uma aula. E fiquei pensando nas coisas que congelamos. Nas coisas que ela congela.

No tempo-quaresma-quarentena que estamos vendo passar sem poder manusear, colocar em recipientes e congelar. Na saudade que não para de derreter. E nas coisas que descongelaremos quando nos encontrarmos. E sem saber por quanto tempo seguiremos congelando coisas antes que algo finalmente nasça.

Submetido em: 28/04/2020
Aceito em: 08/06/2020